

EM FOCO

MICROPOLÍTICAS DO SENSÍVEL, CORPOREIDADE E CLÍNICA

*MICROPOLITICS OF THE SENSITIVE,
CORPOREITY AND CLINIC*

*MICROPOLÍTICAS DE LO SENSIBLE,
CORPOREIDAD Y CLÍNICA*

CATARINA RESENDE
JÚLIA CÂMARA
LUIZA LOYOLA
VICTÓRIA GUIMARÃES

RESENDE, Catarina; CÂMARA, Júlia; LOYOLA, Luiza; GUIMARÃES, Victória.
Micropolíticas do sensível, corporeidade e clínica.
Repertório, Salvador, ano 22, n. 32, p. **220-243**, 2019.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv1i32.26580>

RESUMO

Situando a clínica como plano de interface entre psicoterapia, filosofia, dança e práticas somáticas, este trabalho pesquisa a criação de micropolíticas do sensível, como um possível desvio às forças de captura dos fluxos dos corpos no capitalismo. Objetiva-se compreender de que maneira os encontros na clínica mobilizam realidades invisíveis e indizíveis, e como podem estar engajados na produção de novas sensibilidades e novos desejos. Este trabalho busca cartografar os movimentos que possibilitam a ampliação do cuidado, através da experiência somática do terapeuta, e suas implicações na relação entre corpos. Para tanto, serão trazidos relatos e fotos de um grupo de alunos de Psicologia, produzidos a partir de uma experiência com uma oficina de Body-Mind Centering™. Esta prática foi orientada por uma educadora somática certificada, convidada a contribuir com o processo formativo dos alunos em uma abordagem transdisciplinar da clínica. Interessa pôr em relevo, em articulação com as experiências circunscritas, as relações sutis e cambiantes entre corporeidade e subjetividade, evidenciando o corpo em seu aspecto sensível como território de novos possíveis. Pretende-se com isto, pensar uma corporeidade dançante para a clínica, no intuito de fazer frente aos regimes instituídos e massificados de sensibilidades, tomando-a enquanto prática experiencial de devires mútuos, entre terapeuta e paciente, e de criação de novos modos de existências.

PALAVRAS-CHAVE:

Clínica. Corporeidade.
Micropolítica. Sensível.
Práticas Somáticas.

ABSTRACT

Sitting the clinic as an interface plan between psychotherapy, philosophy, dance and somatic practices, this work researches the creation of micropolitics of the sensitive, as a possible deviation to the forces of capture of the flows of bodies in capitalism. The objective is to understand how the meetings in the clinic mobilize invisible and unspeakable realities, and how they can be engaged in the production of new sensibilities and new desires. This work seeks to map the movements that allow the expansion of care, through the somatic experience of the therapist, and its implications in the relationship between bodies. To this end, will be brought reports and photos of a group of students of Psychology, produced from an experience with a Body-Mind Centering™ workshop. This practice was ministered by a certified somatic educator, invited to contribute to the students' formative process in a transdisciplinary approach to the clinic. It is important to put in relief, in articulation with the circumscribed experiences, the subtle and changing relations between corporeity and subjectivity, evidencing the body in its sensitive aspect as territory of possible new ones. The intention is to think of a dancing corporeity for the clinic, in order to deal with the instituted and massive regimes of sensibilities, taking it as an experiential practice of mutual becomings, between therapist and patient, and of creating new modes of existences.

KEYWORDS:

*Clinic. Corporeity.
Micropolitics. Sensitive.
Somatic Practices.*

RESUMEN

Situando a la clínica como plano de interfaz entre psicoterapia, filosofía, danza y prácticas somáticas, este trabajo investiga la creación de micropolíticas de lo sensible, como un posible desvío a las fuerzas de captura de los flujos de los cuerpos en el capitalismo. Se propone entender de qué forma los encuentros en la clínica movilizan realidades invisibles e indescriptibles, y como pueden estar involucrados en la producción de nuevas sensibilidades y nuevos deseos. Este trabajo busca cartografiar los movimientos que posibilitan la ampliación del cuidado, mediante la experiencia somática del terapeuta, y sus implicaciones en la relación entre cuerpos. Para ese propósito, se traerán relatos y fotos de un grupo de alumnos de Psicología, producidos mediante una experiencia con un taller de Body-Mind Centering™. Esta práctica fue orientada por una educadora somática certificada, invitada a contribuir con el proceso de formación de los alumnos en un abordaje transdisciplinar de la clínica. Es interesante resaltar, en diálogo con las experiencias arriba descritas, las relaciones sutiles y cambiantes entre corporeidad y subjetividad, evidenciando el cuerpo en su aspecto sensible como territorio de nuevos posibles. Se pretende con esto, pensar una corporeidad danzante para la clínica, con el fin de enfrentar a los regímenes instituidos y masificados de sensibilidades, tomándola en cuanto práctica experiencial de devenires mutuos, entre terapeuta y paciente, y de creación de nuevas formas de existencias.

PALABRAS CLAVE:

*Clínica. Corporeidad.
Micropolítica. Sensible.
Prácticas Somáticas.*



UMA ESCRITA CARTOGRÁFICA E COLETIVA

O CORPO DA NOSSA ESCRITA se apoia em relatos de uma experiência somática: escrita traçada por uma polifonia, composta por muitos outros corpos, engendrada por uma multiplicidade de movimentos sensíveis. Dedicamos nosso texto àquelas e àqueles que o tornam coletivo, que nos enriqueceram com as palavras e os gestos de suas “vivências poêmicas”, tal como nos propõe o seguinte relato poético-experiencial:

vivência poêmica // poema vivencial

*tanto quanto algo em mim
se despeja sobre esse todo você
mais nos distanciamos;*

*quero eu caminhar na sua superfície mais interior
mas a nossa lonjura
desenha um círculo*

*circuito de desencontros
chamados
desejo*

*espera -
se eu abro o peito e cerro os olhos
tu se achegas logo mais
e o contato dessas bordas tuas
com a testa que sou
é como as mil palmas da deusa
sugando uma minha febre
que surge só ali*

*atrás de mim tem gente querida
se tocando ao longe;
ao mesmo instante em que a nossa radiância
converge
ela também se repara
depara com ondas fortuitamente sincronizadas*

*sinto o cheiro da sua maresia
ela sente o meu.
são os minutos em que seremos antônimos,
logo à frente,
sintetizados em aroma*

*difícil negociar esse desvio
que tanto viabiliza
e há mesmo um indevido em sua vinda
mas quando toco o próximo corpo
é como se aproximássemos mais ainda;*

*o ritmo da tua compressão e expansão
se inscreve na água que circuita em mim
que faz de mim
esse aquário de experiências pulsáteis*

*as conversas de nossos toques
acontecem numa praia anacrônica.
caminhadas escondidas...*

*sempre começaram antes de nós
findam quando chegamos
combinam reencontros
no desvio do olhar de um corpo controlado
(Victória Guimarães)*

Cada relato que será utilizado aqui traz a vibratibilidade de um “poema vivencial”, mesmo quando em prosa: nesta poética da experiência vivida há uma cartografia sentimental em que as singularidades, forçadas ao limite, se diluem na dança de qualquer um, numa operatória que transforma o mais íntimo no mais impessoal. São escritas cartográficas que materializam a relação afetiva do corpo com o mundo em fluxos intensivos de movimento. Os movimentos emergem de paisagens intensivas da experiência de cada um, ao mesmo tempo em que evidenciam as linhas traçadas no coletivo de forças. O poema vivencial supracitado traz uma voz inicial para nossa busca nos estudos sobre os processos de subjetivação: cartografar os desvios “do olhar de um corpo controlado”, quando “ondas fortuitamente sincronizadas” fazem convergir “radiâncias” num mar de “experiências pulsáteis”.

A presente investigação acerca dos modos de produção de subjetividade se esboça na transversalidade da experiência sensível entre filosofia, psicoterapia, dança e práticas somáticas, criando um território vivencial para a clínica. Tal abordagem nos força a recorrer a procedimentos caros ao cartógrafo, para o qual pesquisar é habitar um território existencial. (ROLNIK, 1989) Assim, quando articulamos o corpo aos processos de subjetivação, o compreendemos antes como uma corporeidade, como um dos territórios existenciais que são também percorridos por uma cartografia sentimental, constituindo-se, ininterruptamente,

por deslocamentos, multiplicidades e intensidades, de modo sempre singular e num incessante criar e recriar-se.

A partir daí, somos levados a um aspecto particular do exercício da cartografia que demanda maior acuidade; pois um modo de fazer implica um modo de dizer. Exprimir um conhecimento afetivo acerca de nós mesmos e do mundo não é só um problema teórico, visto que, invariavelmente, assumimos uma posição em relação às forças que estão em jogo na produção desse conhecimento. (PASSOS; BENEVIDES, 2010) Além disso, a fim de analisar a experiência sensível que emerge dos encontros na clínica, precisaremos, como já aludimos, narrar experiências. Cartografar processos de subjetivação na experiência clínica é acompanhar encontros e construir narrativas que se darão a partir de relatos intensivos dos devires no plano coletivo de forças. Nesse sentido, partimos de experiências singulares, indissociadas de sua face coletiva, num *continuum* de intensidades com muitas outras experiências; são relatos de contágio e de outramento, concernentes a um e a qualquer um. Sendo assim, fazer uma cartografia sentimental dos encontros implica uma certa política da narratividade.

Colocamo-nos a pensar e a escrever a partir dessa cartografia de imagens intensivas alinhavadas por fragmentos de relatos de uma experiência somática que se deu no contexto de um grupo de estudos e de experimentação entre corporeidade, clínica e arte, vinculado ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS), sediado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói). Esse grupo se desdobra de um grupo de pesquisa que investiga a formação de um corpo clínico sensível na graduação em Psicologia. Assim, a experimentação sensível do corpo é incluída como parte do processo de ensino-aprendizagem e, mais especificamente, como uma aposta na formação de uma corporeidade para a clínica que seja porosa aos fluxos intensivos.

No intuito de habitar um território vivencial onde uma corporeidade dançante para a clínica possa ganhar inteligibilidade, alinhavada por um pensamento-corpo, pela palavra-sensível, pesquisamos a formação de um corpo-clínico. Por essa noção compreendemos uma corporeidade do vínculo terapêutico, incluindo o analista, o paciente e o ambiente, constituído por elementos humanos e não humanos, por zonas de contágio, por uma atmosfera comum partilhada por impressões

sensíveis, muitas vezes indizíveis e invisíveis. Doravante, este artigo buscará criar narrativas cartográficas dos movimentos microssensíveis que possibilitam a ampliação do cuidado, através da experiência somática do terapeuta em formação, e suas implicações na relação entre corpos (humanos e não humanos).



UM TERRITÓRIO VIVENCIAL PARA A CLÍNICA

Nesta pesquisa, nos debruçamos sobre uma abordagem transdisciplinar da clínica, interessados em investigar as relações sutis e cambiantes entre corporeidade e subjetividade. Propomos enquanto corpo-clínico, uma noção prática que se distingue e vai além do corpo do clínico, aproximando-se mais da noção do corpo de uma clínica, enquanto experiência impessoal e singular do vínculo, de criação de conexões sutis e de intervenção mútua nos processos de subjetivação e nas práticas de cuidado.

Interessa-nos dar relevo ao corpo em seu aspecto sensível como território de novos possíveis. Para tanto, há uma ampliação da dimensão estética da clínica, transversalizada por encontros prático-teóricos, a fim de problematizar um certo regime sensível do corpo e dos afetos. Cada abordagem transdisciplinar será uma estratégia e uma aposta daquilo que se passa no limiar entre o clínico e o não clínico, capaz de afirmar uma clínica que possa restaurar a experiência da existência como afirmação. O corpo teórico visa sustentar as transformações ético-políticas implicadas em um saber e em um fazer.

Segundo Cristina Rauter (2012), quando o campo clínico é problematizado como campo teórico-prático, as estratégias teórico-clínicas devem ter caráter particular, singular, relativas a problemas também singulares que a clínica nos propõe. Com um corpo teórico pulsante e poroso será feito um mergulho numa relação dinâmica com o processo de produção de conhecimento que nos leve a articular novos eixos e conexões possíveis.

Aqui, na aproximação com a arte, buscaremos habitar o intervalo no qual o devir-clínico da dança e o devir-dança da clínica possam ganhar inteligibilidade. Na abordagem transdisciplinar da clínica, a arte é entendida como um de seus intercessores (DELEUZE, 2010); como práticas e saberes limiáres capazes de abrir o corpo da clínica para o diálogo com outros campos, a partir de turbulências que marquem uma posição crítica ao mesmo tempo que coloquem a clínica em devir. Neste sentido, a arte na clínica pode [...] possibilitar que os múltiplos indivíduos que nos compõem ganhem maior expressão”, como é descrito por Rauter e Resende (2015, p. 2). Para as autoras, a arte também entraria com uma relação imediata com a clínica por ambas trabalharem com uma dimensão inventiva.

Nessa perspectiva clínica, afirmamos a vida com todas as suas dificuldades. Aqui, é essencial falar da posição política da clínica já que opera drasticamente em uma política do cotidiano de maneiras singulares. Procuramos potencializar a vida a partir de criações possíveis. Essa clínica acontece, conseqüentemente, de forma experimental já que não acreditamos em um “dentro” já formado daquilo que vemos, tampouco uma “interiorização” daquilo que sentimos. Acreditamos numa superfície em formação, em produção, e é nessa superfície que vamos trabalhar e propor atualização, desvios que alarguem os territórios existenciais a partir do relacionamento terapeuta-cliente.

É importante ressaltar também, que estamos mexendo no campo das intensidades, das sensações, das emoções, e essas não são expressas apenas pelo verbo falado. Damos importância ao encontro sensível dos corpos e ao que é dado ali, no acontecimento. A dimensão estética da arte aqui, também sendo utilizada para chegar nessas intensidades de maneira porosa, intervém numa certa política das sensibilidades. A poesia, a dança, a literatura, o teatro podem ser tomados como dispositivos que dão força a essas intensidades não verbais e que nos ajudam a criar redes afetivas na clínica. A arte sendo um dispositivo coletivo que nos ajuda a lidar com o caos e criar maneiras singulares de suportar os descaminhos do exercício de viver.

Na abertura do plano da clínica às interferências estéticas da arte são mobilizados os regimes de afetação dos corpos, produzindo novas políticas do sensível. É uma convocação a estar disposto a se encontrar com o outro – mesmo que em nós

mesmos – e a se marcar pelas fricções entre os corpos. Uma clínica que se dá no acontecimento e que não se apoia em neutralidade. Um encontro que se dá no limiar entre/com dois. É ultrapassar a si mesmo e criar, juntos, no coletivo, um mundo possível. É sempre estar no caminho de compreender o outro e compreendendo o outro, poder olhar para si mesmo e se experimentar, renovando-se.

O analista, na abordagem transdisciplinar da clínica, oferece seu próprio corpo como território para que o paciente possa se (re)constituir a partir disso, e dessa maneira, ele mesmo se cambia, já que aquele corpo não voltará a ser o mesmo de antes. (RAUTER; RESENDE, 2015) As dinâmicas do vínculo são o motor e a superfície para certas mudanças subjetivas: ao caminharem juntos, terapeuta e cliente criam uma estética da vida a partir do encontro.

Nosso esforço será o de construir um conhecimento sensível sobre a formação de uma prática clínica, que inevitavelmente passará a se contaminar pela própria elaboração, outrando-se no próprio caminhar. Falaremos sobre uma prática, mas, sobretudo, falaremos com uma prática. Os gestos de descrever e propor estarão sobrepostos e sombreados nessa atitude ampliada de elaboração.

FIGURA 1 - REGISTRO DA
OFICINA DE BMC™
FOTOGRAFIA: Catarina
Resende.



UMA MICROPOLÍTICA DO CORPO

Eu me lembro dos olhares que se cruzam um tanto ansiosos, um tanto curiosos antes da experimentação começar. Na apresentação das imagens e na breve explicação da técnica, fiquei interessada com a possibilidade de acesso ao corpo orgânico através do toque, do encontro, do pensamento, fazendo com que nos deparemos com a possibilidade de ser ferramentas do nosso próprio processo de transformação, vetores e produtos de nós mesmos, para além do plano afetivo que nos parece mais acessível, mas no plano material tão protegido de nós por camadas e mais camadas que não conseguimos ver, somos informados sobre elas por aqueles que dizem saber mais do nosso corpo do que nós. (Marcelle Freitas)

Esse fragmento do relato de uma das participantes da experiência somática nos faz um convite a compreender de que maneira os encontros na clínica podem estar engajados na produção microssensível de novas sensibilidades, na proposta de um corpo em devir como prática de resistência. Reenvia-nos para uma dimensão da corporeidade como possível desvio às forças de captura dos fluxos dos corpos no capitalismo, olhar micropolítico que aproveitamos de Felix Guattari e Suely Rolnik (2010) para acompanhar de perto as formas de reprodução e de rompimento com os modos de subjetividade dominante, a partir de uma atenção ao repertório daquilo que se performatiza nas pequenezas, nas brechas e nas superfícies do cotidiano de um corpo.

Entender o funcionamento da micropolítica nessa relação dinâmica entre as dimensões macro e micro do campo social nos permite transitar pelas formas possíveis de um corpo no mundo. Num plano macro, Rolnik (2003) nos aponta o caráter integrado das políticas de subjetivação da era neoliberal, que maquinam controlar os setores de produção e atividade humanas em sua completude e intimidade. Opera-se uma intervenção contínua no encontro do corpo-subjetividade com o mundo que mesmo os afetos mais participativos da sua vitalidade ficam vulneráveis ao assujeitamento. Essa dimensão inventiva da vitalidade servirá de motor do maquinário político-econômico hegemônico dos anos 1970 em diante.

O corpo dos encontros no/com o mundo é atravessado, a todo tempo, por forças de distintos modos de subjetivação que nele operam inquietações e deslocamentos, os quais nos tocam na medida em que constroem ou favorecem a vida em sua confecção potente e persistente, isto é, aumentando ou diminuindo sua potência de diferenciação. Nos afinamos com Rolnik (2003), para pesquisar esse balanço de movimentos diante de uma corporeidade que pode ser abordada enquanto um campo de forças se agitando, jogo sem fim de afetações que se incorporam à textura e às marcas desse corpo.

O relacionar da corporeidade com sua sensibilidade diz de um processo vivo e conturbado em que há um enfrentamento com formas paradoxais de interação com o mundo, seja encarando-o pela via da percepção e do empirismo ou, por outro lado, da sensibilidade e do plano intensivo dos encontros. Esses dois movimentos mobilizam repertórios muito próprios no corpo, forçando vetores de conservação deste mesmo repertório (num viés perceptivo) ou de incorporação das afetações e cartografias da imanência (numa dimensão sensível). A percepção produz realidade no corpo por meio da captação de formas, da decodificação de signos e do situar dentro do campo do sentido; a sensibilidade articula o movimentar das realidades nesse corpo na medida em que convoca para si, através da afetação, uma incorporação da vibratibilidade do presente. É nesse sentido que a autora apostará na vitalidade maior de um “corpo vibrátil”. (ROLNIK, 2003)

O limiar desses movimentos paradoxais produz sensações de pressionamento e de fragilização que fazem força no corpo mobilizando a vida enquanto potência de invenção e de resistência. A sua dimensão inventiva, que Rolnik (2003) liga aos afetos artísticos, existe e persiste duplamente: atua, por um lado, com base na demanda para a decomposição de configurações da existência que já não compõem com a vida como potência de diferenciação; por outro, exercita a invenção de novas maneiras desse existir – dos circuitos de si, do mundo e das relações desse entre. Para que a vida vingue em sua expansão se demanda uma luta, que é também uma dança entre afetos de ordem artística e política, isto é, da ordem das potências de resistência, em prol da afirmação consistente e persistente do corpo vibrátil no campo social.

Pela via afetiva, a arte e o corpo intensivo são capazes de dançarem passos para uma música que ainda está por se fazer – assumindo aí o caráter orientador da sensibilidade e a potência artística enquanto exercício de rastreamento sensível das modulações do campo e de leitura do que está demandando outras configurações. Em parceria, as potências de resistência darão contorno e vigor a essa dança ao exercitar uma polêmica das formas da vida em sociedade, num sinalizar de por quais composições de mundo se deve batalhar. Às indicações dos afetos, se combina a orientação da sensibilidade encarnada; o corpo vibrátil e os afetos artísticos e políticos formam uma tríade de aposta da vida em diferenciação.

No laço dinâmico dessa relação incidirá o viés integrado do capitalismo neoliberal para ali concretizar uma cisão, operando uma obstrução às vias dos afetos e da sensibilidade vibrátil. Uma vez afastados, a comunicação imprescindível para a continuidade do processo vivo entra em uma turbulência, sofisticadamente planejada, para tomada do controle das potências inventivas dos corpos. Rolnik (2003) chama Toni Negri para tecer a partir dos fios soltos do corte que se fez e se faz em todos nós, a partir do qual o autor entende que a dimensão artística de rompimento e criação será a fonte principal de extração da mais-valia e sumo motor de uma era onde a economia se pauta na produção frenética e incessante de novas formas.

Nesse âmbito, a energia criativa dos corpos é direcionada à fabricação estonteante de novas esferas de mercado e à imposição de se reformular de imediato e inúmeras vezes. De uma dança vibrante, passamos ao estado de vertigem permanente e, apesar das forças de invenção e resistência serem a todo tempo convocadas, nos vemos incapazes de bem tratar suas leituras e suas potências de ação. Antes, somos como a terra sonâmbula, no limiar do surto ou da apatia; quanto às forças artísticas e políticas, “[...] surdas ao que pede a vida para continuar a se expandir, o exercício destas potências, quando mobilizado, trava seu fluxo e, no limite, pode até colocá-la em risco”. (ROLNIK, 2003, p. 5)

Nessa trilha, a sensibilidade transita quase que somente a partir da representação, restando-lhe um processo sem vitalidade e sem orientação sensível – condição ideal para uma captura sistemática. A direção para a potência de invenção é formar uma massa amorfa e virgem de força de trabalho “livre” – livre em sua disponibilidade total para ser apropriada e revertida para instrumentalização pelo mercado.

Impotentes de nos apropriarmos de nossa força de criação e de resistência, sendo ainda insensibilizados às sutilezas das demandas do processo vivo, somos arrebatados pelo maquinário de controle. O corpo em sua vibratibilidade sufocada, suspensão do contato intensivo com o mundo, entra assim em uma espécie de coma.

A aposta na micropolítica do corpo é abrir espaço para uma retomada da fala do aspecto sensível que acontece no plano fluido de deslocamentos, fazendo re-existência aos modos cristalizados impostos. (CAETANO; RESENDE; TORRALBA, 2011) Os corpos em coma experimentam o mundo tanto mais como mundo do consenso, desinflado de alteridade, de invenção e de resistência. A clínica comprometida com a arte, a política e a atenção das tensões tem potência para oferecer um espaço de recesso ao corpo vibrátil – para tocar, como que numa primeira vez, esse corpo que somos e que de nós é “[...] tão protegido [...] por camadas e mais camadas que não conseguimos ver”, por aqueles “que dizem saber mais do nosso corpo do que nós”. Apostamos nessa clínica que carrega sempre um comum, um confiar, fiar junto, tecer de outras realidades, e nos (co)movemos em experimentação viva, sem linha de chegada, atualizando aos poucos o tamanho e a qualidade de nossa passada.

Cada corpo traz consigo gestos e discursos que expressam em que tom as políticas de subjetivação que o atravessam favorecem ou constroem a processualidade expansiva da vida, cartografia que traz à tona de que modos o organismo se põe à alegria para os bons encontros e ao adoecer que faz contrair para encontro algum. Essa individualização forçada é fruto de investidas na impermeabilidade da pele ao contato com a alteridade que faz mover os campos criativos da existência. O exercício da perda da porosidade inerente ao corpo vibrátil inviabiliza que nos apropriemos “[d]a possibilidade de ser ferramentas do nosso próprio processo de transformação, vetores e produtos de nós mesmos”.

Transita o corpo em coma em meio a uma solidão de múltiplos platôs, na qual é viciado a temer o encontro com o diferente e a potência de mudança a partir do outramento. O receio que este corpo poderá a vir sentir na carne, por exemplo, na forma de estresse, pânico, depressão ou ansiedade, será destinado a movimentos de destruição, criação e resistência, tão próprios da sua qualidade de corporeidade vibrátil. Rolnik (2003) aponta, aliás, que o lugar do sintoma na contemporaneidade

é aquele de um setor industrial a pleno vapor, tão fervilhante e extenso que se pode rastrear ramificações por toda a trama da existência humana – inclusive pelos modos de subjetivação. As rachaduras produzidas espontaneamente pelos corpos são rapidamente colonizadas pela indústria farmacológica e toda sinalização de escape é delineada como um quadro de patologização. Os efeitos dessa política interferem no campo relacional da subjetividade, investindo numa dimensão micropolítica de anestesia da potência do corpo em se relacionar com o mundo a partir de sua condição vibrátil.

O corpo da clínica precisa, nesses encontros, atentar com cuidado vibrátil para os modos como se dispõe e as violências que é capaz de operar, fazendo-se, muitas vezes sem perceber, mais uma ferramenta a serviço de uma patologização da existência. Na contramão disso, Rolnik (2015) e as práticas somáticas de outramento artístico-político nos inspiram a ativar micropolíticas do sensível, capazes de restituir o saber-do-corpo na sua pulsação e propagação. O corpo que se reapropria da sua vibratibilidade sensível retoma também, e com força, a sua dimensão inventiva-resistente, sendo capaz de saber e de produzir a si para quem e além do sintoma.

A abertura à construção de uma corporeidade dançante para a clínica convoca e propaga possibilidades que são inviáveis à subjetividade em seu estado de coma; é daí que apostamos nas vias de movimento, elas mesmas vias de saída para uma retomada da vida como geradora de diferença. Entendemos que há algo nesse corpo em estado inacessível e que através da experimentação pode tomar corpo para se performatizar na existência e ampliá-la. Nesse sentido, os contornos da clínica, da arte e da política são indiscerníveis e “[...] as potências de curar, criar e resistir tornam-se indissociáveis”. (ROLNIK, 2003, p. 6)

É de corpo aberto que nos permitimos os toques de quem toca a si e ao outro com a qualidade experimental da primeira vez. São mesmo corpos outros, inéditos, que emergem do contato intensivo com as forças de alteridade em sua potência de vontade de mudança. As belezas e as sombras desse corpo serão ponto de partida para a formação conjunta de configurações inovadoras de si; onde o exercício, na clínica, passa a ser um jogo para também se estranhar a si mesmo. Assim, a clínica se alinha à dimensão artística da vida para inventar a partir

desse lugar pouco explorado, e à dimensão política para sustentar a mudança a ser vivida. Aí pulsa nossa confiança, onde desde os balanços microcelulares se faz vibrar o movimento de um corpo que é a todo tempo convocado pela vida a dançar as potências de si.



A GÊNESE DE UMA CORPOREIDADE DANÇANTE PARA A CLÍNICA

O corpo vibrátil em estado de coma está conectado a uma abordagem clínica íntima e social, das células e das forças, das modulações intensivas de qualquer ordem; é no intuito de dar consistência a esse panorama somático-coletivo que colocamos nossos corpos clínicos em exercício de suas potências de invenção e de resistência. A prática em Psicologia que nos convoca diz de uma abertura, de uma porosidade às forças da alteridade em nós e no mundo, cuja demanda de criatividade e de prudência nos engajará a dançar para fora dos palcos esquadrihados de nosso campo de formação. Nesse sentido, empreendemos um outramento, um estranhamento de nossas marcas e marcações; a qualidade vibrátil que se inscreve coloca questões às nossas raízes e faz com que nos movimentemos a partir de outros referenciais.

Interessa-nos aproximar de uma ativação das micropolíticas do sensível, experimentando estratégias de compreensão e de abertura da corporeidade ao campo intensivo dos encontros. Almejamos que nossas fronteiras se tornem de fato indiscerníveis daquelas da arte e da política, e que também a clínica se faça espaço fértil para configurações mais potentes da vida em sua diferenciação.

Em tal percurso, encontramos nas práticas somáticas um recurso privilegiado de sensibilização dos corpos. Articular dança e práticas somáticas nos possibilita um conhecimento fundamentalmente experiencial do corpo que deve ser conquistado através da escuta e da pesquisa do movimento. A singularidade desse trabalho é justamente a capacidade de conciliar, num mesmo plano, a atenção

ao microssensível e à dança, na qual se trabalha o lúdico, o expansivo e a expressão pela pesquisa de movimento. Esse campo se pretende multidirecional e multidimensional, integrando os planos sensorial, cognitivo, motor e afetivo. A vizinhança entre dança e práticas somáticas compõe as bases metodológicas para a construção de um corpo-clínico sensível com uma percepção ampliada de si e do mundo, atento ao momento presente.

A paisagem-disparo da nossa escrita, situa-se, mais especificamente, numa oficina de Body-Mind Centering™, ministrada pela professora Patrícia Caetano, dos cursos de Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa educadora somática certificada tem sido, desde 2015, uma pesquisadora parceira do CorporeiLabS. Essa oficina foi um encontro pontual, com 3 h de duração, integrando um panorama de oficinas de sensibilização corporal coordenadas pela professora Catarina Resende, que trazem as práticas somáticas como ferramenta privilegiada, entre estas, destacamos a Metodologia Angel Vianna.

Tal como nos apresenta Caetano (2015), o BMC™ atua como uma ferramenta somática na intenção de habitar os espaços do corpo, propondo um olhar interno e intensivo. A partir de um trabalho corporal no microssensível, convida-se a um mergulho ao corpo, na atenção às estruturas orgânicas como os órgãos, fluidos, ossos e tecidos que carregam intensidades energéticas. Nessa “intensidade vibratória” é possível experienciar as diferentes formas e funções das estruturas corpóreas e encontrar novos espaços via percepção. No movimento de acessar essas estruturas corporais, Bonnie Bainbridge Cohen, fundadora do BMC™, interessa-se pela expressividade que a prática traz à dimensão energética e de mutabilidade. (CAETANO, 2015) A partir disso, criam-se diferentes estímulos de alinhamento corporal durante os movimentos fluidos, mesmo com um olhar atento às rupturas de padrões pragmáticos do corpo. Na experiência, esses padrões rígidos são diluídos no micro-sensível, espaços para movimentos inesperados são abertos, refletindo a fluidez energética da corporeidade. Através, então, de movimentos simples, são inventadas maneiras de habitação a partir de uma dissolução das formas rígidas de si mesmo. Faz-se uma aposta no contato com o “tecido-territórios” do corpo como forma de experienciar a qualidade do devir. (CAETANO, 2015)

No interesse de investigar e vivenciar práticas capazes de sensibilizar o corpo do terapeuta em formação, o BMC™ experienciado na oficina, foi – e tem sido – um dos intercessores capazes de favorecer uma cartografia sentimental da gênese de uma corporeidade dançante. Nessa aposta, uma corporeidade dançante emergente abre o tecido-territórios do corpo às experiências de deslocamentos microssensíveis, às intensidades vibratórias, aos devires mútuos dos encontros. Explorar as áreas de interface entre dança, práticas somáticas, filosofia e psicoterapia pode incutir ao plano da clínica a possibilidade de ultrapassar certos impasses, permitindo a exploração de mundos pouco visitados em nossa subjetividade.

Na oficina em questão, a prática proposta tinha o intuito de trabalhar a sensibilização da pele e as qualidades do toque celular, com foco na imagem da membrana plasmática. As experiências relatadas que impulsionam nossa escrita não derivam de uma evidência empírica, no sentido do exercício ordinário de uma faculdade, mas como uma resultante de encontros, que nos forçam a um limite, que nos confrontam com um deslocamento. O relato de experiência, nesses termos, não permite generalizações nem *a priori* ou já-dado, refere-se, antes, à singularidade e à dimensão processual de cada caso em questão. Se há ressonância com outros casos, é por um princípio de plasticidade que inclui a diferenciação inevitável de um caso a outro. A experiência é um expediente que nos liga com o fora, para além ou aquém do sujeito que somos, convocando o “transubjetivo” em nós pela intensidade dos afetos. Na imprevisibilidade do plano dos encontros, na qual qualquer encontro (bom ou mau) é possível a princípio, a experiência “exclui” as acoplagens, que nada produzem, nada mudam. Experimentar é ser forçado a pensar, a criar, é construir um plano de produção, no qual o pensamento está imbricado à experimentação e o conhecimento se dá a partir do sensível. Nesse sentido, a clínica assume um caráter experiencial, enquanto campo de produção de modos de existência. (RESENDE, 2013)

Ocupemo-nos, portanto, de mais alguns fragmentos das vivências poêmicas que disparam e sustentam nossos gestos de escrita. Aqui, duas narrativas são embaralhadas, criando uma conversa por “ondas fortuitamente sincronizadas”, espalhando-se num mar de “experiências pulsáteis”.

Nos encontramos na sala habitual para fazermos uma experimentação. Dessa vez, com Patrícia nos guiando. Ela nos mostra diversas imagens de esponjas e de membranas celulares para que possamos entrar nesse “devir esponja”.

Como ser uma membrana plasmática?

Fiquei um tempo tentando me conectar com a minha pele, um contato como quem não quer nada, como a Patrícia comentou. Achei difícil no início, mas como num transe, eu consegui me conectar quando fechei os olhos e prestei atenção na minha respiração... a primeira mudança que eu consegui perceber: Temperatura. Energia.

Estou em transe. Patrícia pede para quem está recebendo o toque mudar de posição e ir ligeiramente começando a tocar o outro. Sinto as mãos de Júlia percorrendo meu corpo sem invasão ou desconforto algum na mudança. Somos a mesma mão e a mesma esponja.

Eu pude sentir uma movimentação no toque. Eu senti o vai e vem das ondas, a pulsação dos líquidos me atravessando como se eu fosse uma esponja mesmo. Nós somos mais ou menos esponjas também! Águas também nos atravessam, tenho consciência disso. Não senti aspereza, senti muita doçura. Um toque firme, para dar contorno, mas ao mesmo tempo muito leve. Senti que acordou meus pelinhos do corpo, me sensibilizou. Senti um carinho enorme pela Carol nesse dia. O dia todo fiquei com uma necessidade de encostar nela, de dar as mãos para ela. Nossa! Uma conexão bem forte. Foi muito gostoso e bonito.

Se eu fosse explicar em palavras diria que nós duas perdemos nosso contorno de indivíduos (Carol e Júlia) rapidamente para nos encontrarmos. Enquanto a voz nos falava alguns sussurros, eu balançava suavemente como uma folhinha de grama pegando sol. Enquanto estava intimamente ligada a algo bem maior pelas minhas mãos. Júlia parecia o solo, a terra. Éramos membrana.

Todos estávamos com uma energia comum, todos estávamos dividindo um corpo uno, afinal, éramos uma membrana de uma célula, a gente tinha um trabalho.

Mais uma vez, senti um movimento, de um lado para o outro, bem suave. Uma respiração, talvez. Respiração una, fazendo uma pulsação de ar diferente daquela que estava ali antes. Nós mudamos o ambiente e o ambiente nos mudou.

Quando foi para a gente voltar para o nosso corpo, abandonar o nosso eu membrana plasmática, eu senti a minha pele de maneira diferente. Eu estava sensível ao toque, tudo me arrepiava, eu estava mole, como um plasma. Eu queria abraços, queria me fundir no outro. Estava adormecida, calma, sorridente e satisfeita.

[Fragmentos mesclados e indiscerníveis dos relatos de Ana Carolina Cotta e Júlia Câmara]



FIGURA 2 - REGISTRO DA
OFICINA DE BMC™
FOTOGRAFIA: Catarina
Resende.

Nesse diálogo sensível entre Julia e Carol, entre devires-membranas, entre muitos, avistamos diversos contágios das intensidades vibratórias acionadas pelas práticas somáticas, com uma atenção dilatada à corporeidade, ao momento presente e ao espaço que nos habita – aberturas microssensíveis que nos interessam para a formação em clínica. De que modo a experiência sensível de um corpo-clínico pode, então, ampliar o território de criação de novos possíveis? Por que uma corporeidade dançante para a clínica?

Ao pesquisar de que modo a mente é expressa no corpo em movimento, o BMC™ entende que vida é movimento, processo de mutação. Cohen (2015) nos ensina que a natureza forma padrões, e como nós, seres humanos, também fazemos parte da natureza, também funcionamos com padrões. Padrões estes que podem ser compreendidos como movimento através do corpo para desvelar a mente ou de que modo a mente também pode influenciar os movimentos do corpo.

Movimento e equilíbrio são os pilares essenciais nessa ciência completamente experimental, e é a partir dessa experiência que vamos entendendo como os nossos processos de padronização funcionam. Como o menor movimento do corpo presente na célula diz também do movimento que é feito todos os dias ao caminhar pela rua? Como que esse movimento muscular feito pelo músculo da perna diz de como nos movimentamos para fora de nós e nos comunicamos com um outro? Entender as articulações e paralelos entre esses movimentos é de extrema importância para mantermos o equilíbrio. Manter o *continuum*.

Manter o *continuum* significa não apenas se alinhar, compreender-se nos mínimos detalhes, mas também tomar consciência dos mesmos mínimos movimentos e máximos movimentos. É criar uma ponte entre consciência e atividade e a partir disso se tornar presente e entrar em um estado de conhecimento pleno, com a sensação e a compreensão de que somos inteiros. Temos vários sistemas, sistema esquelético, sistema ligamentar, sistema muscular, sistema orgânico, sistema nervoso, gordura, pele, etc., mas esses sistemas se comunicam e formam um.

“O que tem de mim nas células do meu corpo? O que tem de mim no meu sistema nervoso? O que tem de mim na minha pele?” – Interroga-nos um relato da oficina.

Compreendemos aqui que o processo de corporalização proposto por Cohen (2015) implica num processo cartográfico com o próprio corpo, por uma viagem intensiva pelo nosso território existencial. Implica em prestar mais atenção sem nenhuma intenção ao plano micro-sensível da corporeidade: na respiração, no movimento, na temperatura, no toque a partir de qualquer célula ou grupo celular e sentir o que surge dessa experimentação. Quando tomamos consciência das nossas células, podemos comunicar essa atenção com outras partes do nosso corpo e a partir disso formar uma relação entre eles, corporalizando nossas experiências entre o sentir, o perceber e o agir.

O processo de corporalização, enfim, é um processo importante para tomarmos consciência de toda comunicação que existe nas camadas desse ser uno, deste ser celular que somos. O que é ser consciente sendo uma célula? O que é ser consciente sendo uma membrana plasmática? O que é ser consciente sendo plasma? O que é ser consciente sendo osso? O que é ser membrana plasmática e aprender a conhecer um outro corpo a partir do toque?

FIGURAS 3 E 4 - REGISTRO DA OFICINA DE BMC™
FOTOGRAFIA: Catarina Resende.



SABER-COM-O-CORPO- EXPERIMENTAL-RELACIONAL

É preciso.

É preciso criar meios para que o corpo possa (re)existir na sua força pulsante e de contágio. Ser capaz de ativar um saber-do-corpo que se desloca por propagação e devires mútuos. Sendo a clínica um dispositivo de transformação das existências nos perguntamos: como ativar essas micropolíticas do sensível? Como disseram as participantes da oficina de BMC™:

Mudamos o ambiente e o ambiente nos muda. Que desafio encontra-se com qualquer outro, ainda que esse outro seja nós mesmos, sem intenção, que desafio desviar do sentido que se coloca inequivocamente sobre a nossa experiência.

É preciso pensar uma corporeidade dançante para a clínica, no intuito de fazer frente aos regimes instituídos e massificados de sensibilidades, tomando-a enquanto prática experiencial de devires mútuos, entre terapeuta e paciente, e de criação de novos modos de existências.

É preciso apostar na criação de um vínculo terapêutico-membrana: poder perder nossos contornos de sujeitos para rapidamente nos encontrarmos com o outro. Conexões por temperaturas, por energia comum, por algo bem maior. Querer se fundir no outro. Afinar o corpo, na prática, com realidades invisíveis e indizíveis, e suas implicações nas relações entre-si, entre-dois, entre-muitos. Isso é, transitar com o outro nas diversas formas possíveis de experiência, podendo sustentar as contradições que se fizeram, no percurso, instaurar. E assim, afirmar o conhecimento que não é visível aos olhos, mas é sensível à pele.

É preciso experimentar, estar entre, sentir a atmosfera densa que nos une, o movimento que nos mantém coesos, sem perder movimentos singulares e intuitivos. Movimentos ínfimos, intensivos, poéticos, que nos possibilitam dançar o cotidiano com as relações sutis e cambiantes entre corporeidade e subjetividade.

É preciso sem precisão. Sem buscarmos um novo paradigma ou metodologia para a clínica, afirmamos pistas imprecisas para uma clínica processual, aberta ao microssensível, que dança com os processos errantes da subjetivação. Dançar a própria (re)existência: fazer do movimento sem fim, porque sem finalidade, porque infinito, uma ética, uma estética, uma micropolítica para a clínica: uma dança para novos modos de vida.

Por ora, imprecisamente concluímos, sem interromper, o movimento dessa pesquisa – que no ato desta escrita segue num vértice crescente de questionamento. Ainda em gesto germinal dessa caminhada, esboçamos aqui primeiras enunciações das nossas reflexões e vivências sobre a formação de um corpo-clínico sensível na Psicologia. Tomamos como um dos maiores ganhos, a experiência processual de uma escrita cartográfica e coletiva que estende e desdobra o tempo de duas formas: o tempo de experienciar, elaborar e o tempo de produção de escrita que afirmamos ser também uma forma de extensão do processo somático dessa corporeidade que defendemos.

Pretendemos, acima de tudo, ao compartilhar a gênese de um percurso, dar espaço ou possibilitar que nossa escrita seja extensão daquilo que vivemos e nos propomos a viver durante a pesquisa. Que nossas palavras sejam a continuidade dos movimentos vibráteis que transbordaram em nossas mãos; pura intensidade pulsátil no papel (ou na tela).



REFERÊNCIAS

CAETANO, P. L. Por uma Estética das Sensações: o corpo intenso dos Bartenieff Fundamentals e do Body-Mind Centering. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 206-232, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-26602015000100206&script=sci_abstract&tIng=pt. Acesso em: 20 abr. 2018.

CAETANO, P.; RESENDE, C.; TORRALBA, R. Micropolítica do corpo e o devir-dançarina. *Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 551-562, out./dez. 2011.

COHEN, B. B. *Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método Body-Mind Centering®*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

DELEUZE, G. *Conversações* (1972-1990). 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 150-171.

RAUTER, C. *Clínica do esquecimento*. Niterói: EdUFF, 2012.

RAUTER, C.; RESENDE, C. Arte, clínica e transdisciplinaridade. *Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 15 n. 3 p. 1-12, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/19362>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RESENDE, C. *Escutar com o corpo: a experiência sensível entre dança, poesia e clínica*. 2013. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (org.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003. p. 231-238.

ROLNIK, S. *A hora da micropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2015. (Série Pandemia)

CATARINA RESENDE: é psicóloga clínica, professora do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenadora do Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS – UFF/UFRJ/UFC/FAV), doutora em Psicologia (UFF), mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e terapeuta pelo movimento (Escola Angel Vianna).

JÚLIA CÂMARA: é psicóloga pela Universidade Federal Fluminense (UFF), extensionista em psicologia clínica no projeto de estágio supervisionado Arte Corpo e Subjetividade, vinculado ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS – UFF/UFRJ/UFC/FAV) e foi monitora bolsista da disciplina de Cognição na UFF de 2017 a 2018.

LUIZA LOYOLA: é graduanda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), estagiária em psicologia clínica no projeto de estágio supervisionado Arte Corpo e Subjetividade, vinculado ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS – UFF/UFRJ/UFC/FAV) e professora de Yoga (Premananda Yoga School).

VICTÓRIA GUIMARÃES: é graduanda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), extensionista em psicologia clínica no projeto de estágio supervisionado Arte Corpo e Subjetividade, vinculado ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS – UFF/UFRJ/UFC/FAV) e estudante de teatro físico.